

## OGUNHÊ!

### SUELI CARNEIRO: POR UM DISPOSITIVO DE RACIALIDADE

Paulo Petronilio Correia<sup>1</sup>

**Resumo:** Propõe-se pensar o feminismo negro e amefricanizado de Sueli Carneiro, pensadora, ativista do movimento negro brasileiro que pavimentou um fértil terreno para que as mulheres negras estivessem hoje erguendo as suas vozes e mostrando as suas humanidades, pois foram, assim como os negros em geral, completamente silenciadas e apagadas da história. A partir de seu pioneirismo, já vindo de influências como as ancestrais Lélia Gonzalez e Beatriz Nascimento, Carneiro foi capaz de enegrecer o feminismo, trazer a agenda antirracista, incluindo, com isso, a pauta das mulheres negras. Mais que isso, nos permitiu interseccionar raça, classe, gênero, sexualidade e outros marcadores sociais da diferença. Ao elucidar essa discussão de forma complexa e sofisticada, faz da educação com um complexo agenciamento político e antirracista, ao trazer as questões negras para o centro do debate da educação. Trata-se de um trabalho teórico e epistemológico em que discutiremos a complexa noção feminismo negro e junto com ele, seu conceito de dispositivo de racialidade e epistemicídio, temas centrais de suas pesquisas, bem como a importância de enegrecer o feminismo, no diálogo com outras mulheres negras. Terei como metodologia de análise crítica teórica e epistemológica de natureza quantitativa, onde percorrerei o pensamento de Sueli Carneiro, seus embates epistemológicos, influências teóricas e pedagógicas. Para tal empreitada não abro mãos de diálogos com o feminismo negro e com o movimento negro pois foi a partir daí que ela enegrecer o feminismo brasileiro e abriu caminhos para muitas outras. Carneiro (2020) Santana (2020) Gonzalez (2028) Nascimento (2020) Gomes (2020), Collins (2020), Evaristo (2019).

**Palavras-chave:** Sueli Carneiro, Feminismo negro, Movimento negro, Dispositivo de racialidade, Educação.

## OGUNHÊ!

### SUELI CARNEIRO: FOR A RACIALITY DEVICE

**Abstract:** It is proposed to think about the black and Afro-American feminism of Sueli Carneiro, thinker, activist of the Brazilian black movement that opened a fertile ground for black women to happen today, raising their voices and showing their humanities, as they were, also as blacks in general, completely silenced and erased from history. From her pioneer, already coming from influences such as her ancestors Lélia Gonzalez and Beatriz Nascimento, Carneiro managed to dry up feminism, bringing an anti-racist agenda, including, with that, the agenda of black women. More than that, it allowed us to cross race, class, gender, sexuality and other social markers of difference. By elucidating this discussion in a complex and sophisticated way, it makes education a complex political and anti-racist agency, by bringing the black issue to the center of the educational debate. It is a theoretical and epistemological work in which we will discuss the complex notion of black feminism and with it, its concept of raciality and epistemicide device, central themes of its research, as well as the importance of the blackening of feminism, in dialogue with other women black. I will have as a methodology of theoretical-critical and epistemological analysis of a quantitative nature, where I will go through Sueli Carneiro's thought, her epistemological clashes, theoretical and pedagogical influences. For such commitment in not giving up dialogues with black feminism and the black movement because it was from there that it blackened Brazilian feminism and opened the way for many others. Carneiro (2020) Santana (2020) Gonzalez (2028) Nascimento (2020) Gomes (2020), Collins (2020), Evaristo (2019).

**Keywords:** Sueli Carneiro, Black feminism, Black movement, Racial device, Education.

<sup>1</sup> Professor Associado I de Filosofia da Educação na UnB/FUP. Pós Doutor em Teoria e Crítica Literária (2020) ,Pós Doutor em Performances Culturais (2017) Doutor pela UFRGS ( 2009). Mestre em Literatura Brasileira (UFSC), Mestre em Educação (UFSC). Graduado em Letras pela PUC/GO, Graduado em Filosofia pela UFSC. Atua no Programa de Pós-graduação em Literatura (UnB) PosLIT, na Linha de Pesquisa: Representação na Literatura Contemporânea. Atuou no Programa Interdisciplinar em Performances Culturais da UFG e no PPGCEN/UnB

## 1. INTRODUÇÃO

O tema central dessa pesquisa é voltado para dar a evidência, a reparação correta e necessária a uma das maiores intelectuais negras do feminismo e do ativismo negro brasileiro: Sueli Carneiro, filha de Ogum, no Candomblé, religião de matriz africana no Brasil. O objetivo principal é mostrar a importância dessa pensadora e militante não somente para o feminismo negro mas para a compreensão do pensamento social brasileiro. Para isso, preciso dar a visibilidade e o lugar correto aos intelectuais pretos no contexto das literaturas femininas da “amefrialadina”, as mulheres que foram apagadas da nossa história.

A literatura feminista negra é fundamental para que possamos elucidar e dar a visibilidade que as mulheres afrolatinas e americanas possam se mostrar e fortalecer o debate não somente do norte global mas as que estão no sul e que são mais ainda silenciadas. Em termos de contextualização, essa pesquisa faz parte de um projeto maior que tenho desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade de Brasília, onde atuo como docente na Linha de Pesquisa Representação na Literatura Contemporânea, onde desenvolvo um projeto que envolve literatura, gênero e racialidade. O mesmo intitula-se “A Representação das diferenças na Literatura contemporânea: gênero, raça e subalternidade”.

Uma das relevâncias dessa pesquisa se dá, a priori, pela urgência de combatermos o racismo, o machismo, o classismo e todas as outras formas de dominação que são todos os frutos do racismo. Outra relevância é trazer as vozes invisibilizadas das mulheres pretas para o centro do debate. Mais que isso, torna-se mais que urgente trazer a literatura preta, periférica e marginalizada para o debate para que outras vozes possam ser ouvidas, legitimadas e humanizadas. Nesse cenário de invisibilidade, silenciamento e desumanização do povo preto na cena literária e cultural é fundamental trazer o pensamento arrebatador e potente de Sueli Carneiro que foi, a meu ver, um grande divisor de águas no feminismo negro brasileiro e decolonial. Ela, como uma boa filha de Ogum, pavimentou todo um caminho e trouxe, junto com ela, outras mulheres negras, pois, lembrando brevemente Ângela Davis, quando uma mulher negra se movimenta, toda sociedade se movimenta e se transforma com ela.

Ora, Ogum, na cultura afro-brasileira é o deus dos caminhos, da guerra, o ferreiro, que forja o ferro e faz as ferramentas e nos chama para a guerra com mundo e com nós mesmos. É o que comanda a esfera do trabalho e com Exu, o seu irmão, tem o poder de realizar, de movimentar e fazer acontecer. Ogum é o que aponta o caminho, a direção. Assim a intelectual, professora e militante Sueli Carneiro foi apontada no Candomblé, religião de matriz africana: “uma filha de Ogum”. Diz a estudiosa de Sueli Carneiro, Bianca Santana.

Sueli vive de acordo com as histórias de Ogum, o Édipo africano que protege a mãe, carrega o pai nas costas, faz o que tem que ser feito. Seu papel é resolver. Viver em harmonia com o seu orixá é a maior proteção que ela acredita poder ter (SANTANA, 2021, p.136).

Diante disso, proponho aqui trazer não somente a importância da pensadora, filósofa e ativista negra Sueli Carneiro para o Feminismo Negro, como pretendo ensaiar as ideias centrais que povoam suas teorias, influências e reflexões. Trata-se de uma das intelectuais mais importantes do que chamamos hoje de epistemologia negra brasileira. Nas palavras da

nossa ancestral Conceição Evaristo, ao fazer o prefácio da obra de Sueli Carneiro, podemos perceber a importância de seu nome para o pensamento social brasileiro: “Precisamos escolher e nomear quem são as nossas Mestras e Mestres e Sueli Carneiro é uma das grandes mentoras que devemos referenciar agradecendo seus ensinamentos (CARNEIRO, 2019,p.8).

Essa mestra e mentora tal como foi proferida por Conceição Evaristo não surgiu do nada. Ela tem história e tem geografia, pois se localiza e se contextualiza no complexo de mulheres negras brasileiras que fizeram e fazem a História do Brasil. Uma história que foi bestializada, silenciada e apagada, pois, o que conhecemos sobre nós negros, foi contada por mãos brancas. Sueli Carneiro veio não somente contar a nossa história, como veio se indignar contra toda injustiça que nós negros sofremos por toda uma vida. Ela veio dar o lugar o correto não somente às mulheres inviabilizadas da história, como veio nos colocar no complexo movimento da nossa própria história, da nossa vida. Ela trouxe toda comunidade negra para o centro do debate e ao fazer isso, nos encorajou a sermos protagonistas de nossas histórias.

Nascida em 24 de junho de 1950 em São Paulo, atualmente com 72 anos, Sueli Carneiro é um marco não somente no movimento de mulheres negras no Brasil, como representa uma ruptura ou reviravolta epistemológica no interior do próprio Feminismo Negro. Sua Tese de doutoramento, defendida em 2005, na Faculdade de Educação da USP (atualmente se transforma em livro), tem sido lida e revisitada a cada dia para tentarmos compreender acerca da epistemologia do feminismo negro brasileiro e seu dispositivo de racialidade. Sueli Carneiro, ao abrir caminhos para outras mulheres negras de seu tempo, amplia, sofisticada e complexifica o debate acerca do feminismo negro brasileiro. É válido lembrar que, apesar de abrir caminhos para muitas outras mulheres, Sueli Carneiro nunca teve a pretensão de ser escritora, como ela mesma diz.

Nunca pensei em ser escritora. Escrever sempre foi, para mim, uma chance ou condição de remover a trava que a timidez colocava em meu desejo de comunicar minha indignação frente às injustiças do mundo. Escrever me permitiu organizar e qualificar a reflexão que, na fala, se manifestava desconexa e irritadiça pela insegurança da oratória (CARNEIRO, 2019, p.11).

Ao fazer da escrita uma máquina de guerra contra as indignações e como forma de vencer a timidez, Sueli Carneiro transforma-se na primeira mulher negra a receber o título de professora *honoris causa* pela Universidade de Brasília em 21 de Setembro de 2022, onde tive a oportunidade, numa tarde calorosa, em meio a cantos, elogios e emoção, no lotado auditório Esperança Garcia, da Faculdade de Direito da Universidade de Brasília. Sueli Carneiro se emocionou em vários momentos e foi aplaudida de pé por todos que ali estavam ao som vibrante de Ogum, Orixá ferreiro do Candomblé que abre e multiplica caminhos. Sueli Carneiro, essa filha de Ogum abriu caminhos, rompeu com uma tradição de silêncio, fundou o *Geledés*, Instituto da mulher negra em São Paulo, em 1988 e se transformou em referência necessária para se compreender o pensamento social brasileiro.

Foi feita sobre ela uma biografia intitulada *Continuo preta: a vida de Sueli Carneiro*, pela Companhia das Letras, escrita pela intelectual negra Bianca Santana. Dentre os vários livros escritos por ela estão *Escritos de uma vida* e agora sua tese de doutorado recebe a versão de livro intitulada *Dispositivo de racialidade: a construção do outro como não ser e como fundamento do ser*, pela editora Jorge Zahar, com o lançamento previsto para março ainda

desse ano de 2023. *Um outro livro importante foi Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil*, onde ela denuncia as mazelas da opressão de seu tempo, além de muitos outros escritos.

Para esse texto, acionarei conceitos fundamentais como epistemicídio, raça, gênero e classe para pensarmos e darmos o lugar e a reparação correta não somente a ela mas às outras mulheres negras que sempre foram invisibilizadas e silenciadas numa sociedade patriarcal, imperial e de supremacia branca. Estamos falando em justiça epistêmica e descolonização do conhecimento. Mais ainda, estamos falando na educação como espaço de humanização e emancipação.

Desse modo, Sueli Carneiro encarou a escrita como uma forma de combater a opressão ou remover a trava da timidez.

Depois tornou-se instrumento de combate, respondendo à necessidade de produção de argumentos para os confrontos que o racismo e o sexismo nos impuseram. Cada um dos meus escritos reflete um momento dessa luta, além da permanente disputa pela verdade histórica que se esconde atrás das narrativas construídas pelos opressores (CARNEIRO, 2019, p.11).

Assim, escrever para as mulheres negras têm sido um grande obstáculo pois implica em romper não somente com toda uma tradição de silêncio e invisibilidade, como significa sair da invisibilidade e ter seu lugar de fala e seu discurso autorizado diante de uma cultura que privilegia o saber canônico que é branco, europeu, heterossexual e branco. Mais que isso: significa ter a sua humanidade reconhecida. A escrita, como arma de combate para confrontar com o racismo e o sexismo e ao mesmo tempo como forma de libertação, uma vez que quando essas mulheres negras se movimentam, lembrando levemente Ângela Davis, toda sociedade se movimenta e se transforma.

Desse modo, terei como metodologia de análise crítica teórica e epistemológica de natureza quantitativa, onde percorrerei o pensamento de Sueli Carneiro, seus embates epistemológicos, influências teóricas e pedagógicas. Não abro mãos de diálogos com o feminismo negro e com o movimento negro, pois foi a partir daí que ela enegreceu o feminismo brasileiro e abriu caminhos para muitas outras mulheres tais como Carneiro (2020) Santana (2020) Gonzalez (2028) Nascimento (2020) Gomes (2020), Collins (2020).

## 2. DESENVOLVIMENTO

Ora, para desenvolver a ideia central dessa pesquisa, de forma didática traremos três movimentos fundamentais que se entrecruzam. “Enegrecer o feminismo” pois é fundamental trazer a importância de Sueli Carneiro para esse processo político e crítico do feminismo negro. O segundo momento “O movimento negro é educador”, pois foi a partir daí que tudo se pavimentou, no movimento de mulheres negras. Por fim “cruzando o feminismo negro” é essencial, pois o feminismo latino-americano dialoga de certo modo com o feminismo afro-americano. Essas mulheres, marcadas por mesmas opressões de gênero, classe e raça já interseccionavam, de certo modo.

## 2.1 ENEGRECER O FEMINISMO

Foi Sueli Carneiro que utilizou pela primeira vez o termo enegrecer o feminismo. Essa necessidade de demarcar esse lugar geopolítico é fundamental, pois as mulheres negras a muito tempo vêm reivindicando seus lugares sociais e políticos de fala, uma vez que não se sentiram incluídas e representadas no chamado feminismo hegemônico, o de mulheres brancas. Ou seja, o feminismo de mulheres brancas nunca reconheceu a humanidade das mulheres negras. Essa invisibilidade resultou não somente no apagamento, como no epistemicídio (SANTOS, 2005), ou seja, na morte e apagamento da história e das produções do povo negro.

Ao trazer e elucidar esse lugar que já vinha trilhado e pavimentado pelas mulheres negras que a antecederam, como Lélia Gonzalez, Beatriz Nascimento e outras, antes mesmo do feminismo negro existir enquanto categoria epistemológica nas universidades, as mulheres negras já se movimentavam em várias direções e buscavam as suas humanidades. Categorias epistêmicas que hoje em dia são pensadas nas academias como interseccionalidade, lugar de fala e empoderamento já eram forjadas pelas mulheres do movimento negro, uma vez que a palavra não exista mas elas já pensavam de forma interseccional, já mostraram seu empoderamento feminino e já anunciavam e enunciavam seus lugares sociais e político de fala.

Enegrecer o movimento feminista brasileiro significa, concretamente, demarcar e instituir na agenda do movimento de mulheres o peso que a questão racial tem na configuração, por exemplo, das políticas demográficas, na caracterização da questão da violência racial como aspecto determinante das formas de violência sofridas por metade da população feminina do país, que não é branca; introduzir a discussão sobre as doenças étnicas/raciais ou as doenças com maior incidência sobre a população negra como questões fundamentais na formulação de políticas públicas na área da saúde; instituir a crítica aos mecanismos de seleção no mercado de trabalho como a “boa aparência”, que mantém as desigualdades e os privilégios entre as mulheres brancas e negras (CARNEIRO, 2019, p.316).

Ora, segundo Sueli Carneiro a importância de enegrecer o feminismo é fundamental para demarcar a agenda das mulheres negras com as suas especificidades e anseios, uma vez que o feminismo de mulheres brancas não conseguiram, em suas lutas, dar a visibilidade que as mulheres negras sempre necessitaram. Para combater o racismo, o eixo nodal de todas as outras opressões, é preciso ser antirracista, ou seja, propor um feminismo antirracista e antissexista.

Nós, mulheres negras fazemos parte de um contingente de mulheres, provavelmente majoritário, que nunca reconheceram em si mesmas esse mito, por que nunca fomos tratadas como frágeis. Fazemos parte de um contingente de mulheres que trabalharam durante séculos como escravas nas lavouras ou nas ruas, como vendedoras, quituteiras, prostitutas... mulheres que não entenderam nada quando as feministas disseram que as mulheres deverias ganhar as ruas e trabalhar. Fazemos parte de um contingente de mulheres com identidade de objeto. Ontem, a serviço de frágeis sinhas e de senhores de engenho tarados (CARNEIRO, 2019, p.314).



Dito de outro modo, Sueli Carneiro, ao nos fazer refletir sobre a situação da mulher negra na América Latina, denuncia que à mulher negra foi relegada o papel de humanidade, pois foram invisibilizadas e apagadas da sociedade ao trabalharem como doméstica, prostitutas e lavouras. Trata-se de um contingente de mulheres que se transformaram em “objeto”, ou seja, são tidas como o “Outro”. E ao serem tratadas como Outro, são desumanizadas. Vale a pena um rápido recuo no tempo, pois Sueli Carneiro foi profundamente influenciada pelas mulheres que pavimentaram esse caminho e uma delas é Lélia Gonzalez. Lélia é considerada a primeira e maior representante do feminismo negro pois, ao abrir caminhos, pensou gênero, raça e classe de forma interseccional, ao denunciar o imperialismo e o europocentrismo. Nessa trilha de Lélia, Sueli Carneiro se fez presente, assim como salienta a pensadora Sueli Carneiro: “Tal como afirma Lélia Gonzalez, o sistema (colonial) não suavizou o trabalho da mulher negra. Encontramo-la nas duas categorias citadas: trabalhadora do eito e mucama”(CARNEIRO, 2019,p.49).

Ao se lançar numa batalha discursiva, ela descoloniza a linguagem, faz severas críticas ao colonialismo que sempre nos impediu de falar por nós mesmos e passou a anunciar e enunciar a importância de situar nosso lugar de fala. Antes mesmo de surgir conceitos como lugar de fala, decolonialidade e interseccionalidade, Lélia já exercitava e mostrava a importância de um pensamento interseccional, decolonial e já mostrava a importância de falarmos e sermos sujeitas e sujeitos do conhecimento e da nossa história.

Ora, na medida em que nós negros estamos na lata de lixo da sociedade brasileira, pois assim o determina a lógica da dominação, caberia uma indagação da psicanálise. E justamente a partir da alternativa proposta por Miller, ou seja: por que o negro é isso que a lógica da dominação tenta(e consegue muitas vezes, nós o sabemos) domesticar? E o risco que assumimos aqui é **o ato de falar** com todas as implicações. Exatamente por que temos sido falado, infantilizados (infans, é aquele que **não tem fala própria**, é a criança que se fala na terceira pessoa, porque que falada pelos adultos), que neste trabalho assumimos nossa própria fala. Ou seja, **o lixo vai falar**, e numa boa.(GONZALEZ, 2018, p. 193-grifos meus).

Desse modo, a Feminista negra Lélia Gonzalez mostra a importância dos sujeitos subalternizados pela cultura erguerem as suas vozes e se humanizarem, uma vez que quando o negro fala ele é infantilizado, ou seja, não tendo voz própria, ele é falado pelo Outro. Em outras palavras, ela chama atenção, assim como a historiadora quilombola e intelectual Beatriz Nascimento (2018) para que possamos contar a nossa história já que a história do homem preto foi contada pela branquitude.

Dito de outra maneira, Sueli Carneiro veio dessa tradição de mulheres negras que, de certo modo, ampliou o debate do feminismo negro brasileiro. O livro *Escritos de uma vida*, de Sueli Carneiro, de 2019 foi feita uma apresentação pela pensadora negra Djamila Ribeiro seguida de um prefácio da poetisa Conceição Evaristo.

Sueli Carneiro é um patrimônio histórico, cultural e político que desbravou matas e caminhos para a propagação do pensamento feminista negro e a luta por marcos civilizatórios e humanitários. Dentre suas lutas e passos que vem de longe, podemos destacar a criação, junto com outras companheiras de luta da organização *Geledés*, a qual homenageia no próprio nome a irmandade de mulheres africanas, o sentido da luta travada pela política das mulheres da diáspora (CARNEIRO,2019 p.5).

Djamila Ribeiro, ao criar, junto à coleção Feminismos Plurais o Selo Sueli Carneiro, mostra a importância de estudarmos e pesquisarmos mais a obra e o pensamento de Sueli Carneiro, pois segundo ela, a pensadora, como uma potente filha de Ogum, desbravou matas e abriu caminhos para a propagação do feminismo negro e enfatiza ela, o sentido que ela deu à luta travada por mulheres da diáspora. Por fim, em seu primoroso trabalho sobre a vida Sueli Carneiro, Bianca Santana salienta:

Depois de um longo e difícil aprendizado, de décadas, havia chegado o momento de negociar politicamente a partir dos diferentes interesse e perspectivas que atravessam o movimento de mulheres. E as mulheres negras eram protagonistas. Naquele encontro, construir uma agenda coletiva de reivindicações ao estado brasileiro que contemplava as diferentes necessidades das diferentes mulheres era o ápice do trabalho iniciado quase trinta anos antes. **Sueli Carneiro enegreceu o feminismo brasileiro.** (SANTANA, 2021, p.254-grifos meus).

Dito de outra maneira, é impossível compreender a luta por emancipação das mulheres negras no Brasil sem compreendermos o movimento de mulheres, e que eram elas mesmas protagonistas de suas agendas e lutas. Mais do que isso, é necessário compreendermos todos esse processo de enegrecimento do feminismo que surgiu como necessidade de demarcar e de apontar a necessidade das mulheres negras lutarem pelas suas humanidades.

É animada com esse exercício de sensibilidade e pactuada com a noção de que a sua luta sempre foi em torno do ser e do não ser, que Sueli carneiro já fazia emergir em seu pensamento que veio de sua Tese intitulada “A construção do Outro como não ser e como fundamento do ser”, defendida na Faculdade de educação da Universidade São Paulo, continua sempre um marco não somente na Educação como nas humanidades pois ao trabalhar a partir da caixa de ferramenta de Michel Foucault e outros intelectuais, Sueli Carneiro traz a novidade do dispositivo de racialidade.

Esta tese consiste numa aplicação dos conceitos de dispositivo e de biopoder elaborados por Michel Foucault ao domínio das relações raciais. É um estudo de cunho reflexivo especulativo com o qual pretende-se averiguar a potencialidade daqueles conceitos para a apreensão e análise da dinâmica das relações raciais no Brasil. Para tanto construímos, a partir deles, a noção de dispositivo de racialidade/biopoder com a qual buscamos dar conta de um duplo processo: da produção social e cultural da eleição e subordinação racial e dos processos de produção de vitalismo e morte informados) pela filiação racial. Da articulação do dispositivo de racialidade ao biopoder emerge um mecanismo específico que compartilha da natureza dessas duas tecnologias de poder: o epistemicídio, que coloca em questão o lugar da educação na reprodução de poderes, saberes, subjetividades e "cídios" que o dispositivo de racialidade/biopoder produz. O que se intenta nesse trabalho é inscrever a problemática racial no campo analítico dos conceitos de dispositivo e do biopoder tal como formulados por Foucault, privilegiando discursos, práticas e resistências que o dispositivo de racialidade/biopoder produz e reproduz com foco na dimensão epistemicida que ele contém (CARNEIRO, 2005).

Ora, ao trabalhar a partir da caixa de ferramenta do pensador francês Michel Foucault, Sueli Carneiro “limpou as poeiras” de seu pensamento e fez emergir o dispositivo de racialidade.

Carneiro amplia, desdobra, complexifica e sofisticada a noção de dispositivo, retirando-o da esfera da sexualidade e trazendo para a esfera da racialidade. Ao se debruçar na noção de biopoder e dispositivo pensado por Foucault, Carneiro traz um estudo de cunho reflexivo para pensar o processo de subordinação racial e que gera, por sua vez, o epistemicídio a partir da tecnologia do biopoder. Dito de outro modo, o movimento negro nos ensinou ao pavimentar todo um terreno fértil e complexo para hoje estarmos desdobramos suas principais aporias. O movimento negro ganhou, nesse sentido, o selo e o estatuto de movimento negro educador. O que isso significa será a nossa próxima questão.

## 2.2 O MOVIMENTO NEGRO É EDUCADOR

Ora, antes de mais nada é importante reconhecer a importância do movimento negro para formação e a consolidação do feminismo negro brasileiro. Uma pergunta necessária é de que forma podemos pensar o feminismo negro brasileiro tendo como ponto de partida o movimento de mulheres negras? De que modo esse movimento aciona uma pedagogia educadora e crítica. Para respondermos a essa pergunta é necessário um recuo no tempo e buscarmos no movimento negro educador as bases educacionais e críticas. O feminismo negro como política da transgressão convida-nos a uma prática que é educar a nós mesmos, contra nós mesmos. Um novo giro decolonial e um convite a não perceber o mundo de forma universal essencialista já se fazia com as mulheres negras.

Inegavelmente, o Movimento Feminista Nacional vem lutando historicamente contra as diferentes formas de discriminação sexual que atingem as mulheres em geral. E é precisamente nesse geral que residem as dificuldades, na medida em que “o pressuposto que a firma a identidade feminina como um campo de significações particulares incorre no risco de não considerar a complexidade das relações sociais (CARNEIRO, 2019, p. 48).

Somente a educação pode de fato nos educar diante das diferenças. Não se trata de universalizar a diferença e sim valorizar a nossa complexa diversidade e propormos modos de pensar que sejam capazes e desnaturalizar as verdades que foram inculcadas em nós. Revermos os currículos, desestabilizar o cânone, perturbar o centro e propor novas formas de pensar em que os sujeitos subalternizados pela cultura que são cuspidos para a margem possa aprender a erguerem as suas vozes e se mostrarem no mundo como sujeito. Trata-se de um processo de humanização. Educar a si contra si mesmo é um grande desafio. Somente assim podemos reaprender acerca de nós mesmos. Para tal enfrentamento, precisamos questionar e tensionar esse lugar legitimado e autorizado que é o centro, o poder que se fez constituir em relação à margem. Nilma Lino (2017) reconhece que não precisamos de “padrinhos” onde ela diz, “nós, mulheres negras não precisamos de padrinho”, pois temos referências ancestrais para recorrermos. No entanto, a feminista reconhece Sueli Carneiro como uma delas, ao dar uma entrevista no portal Geledés, em 2017.

Temos Dandara, Luiza Mahin, Virginia Bicudo, Lélia González, Beatriz Nascimento, Mãe Menininha, Luiza Bairos, Matilde Ribeiro, Ana Célia da Silva, Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva, Makota Valdina, Mãe Stela, Mãe Beata, Mãe Glória, Ruth de Souza, Elza Soares, Sueli Carneiro, Jurema Werneck, Cidinha da Silva e tantas outras mulheres negras que nos inspiram. Podemos citar muito mais (GOMES, 2017).



Assim como os corpos subalternos foram alocados para a margem, o centro, o poder autorizado e legitimado também foi uma construção que se legitimou como bem, belo e justo e tudo que habita a margem foi legitimado como feio, mal, injusto. A branquitude retirou tudo o que incomoda em si e depositou no corpo do negro a ponto de ser bestializado, anulado, animalizado. A educação deve ser o lugar para se combater o racismo e junto com ele, o machismo, a misoginia, os “ídeos”, genocídios, epistemicídios, “feminicídio” e toda forma de opressão.

Pensar a contribuição do feminismo negro na luta antirracista é trazer à tona as implicações do racismo e do sexismo que condenaram as mulheres negras a uma situação perversa e cruel de exclusão e marginalização sociais (CARNEIRO, 2019,p.218).

Dito de outra maneira, travar uma discussão com o movimento feminista brasileira exige de todos nós buscarmos as bases do movimento negro que pavimentaram esse caminho. Ensina-nos a professora feminista negra e intelectual Nilma Gomes: “O movimento Negro é um educador. Minha trajetória como professora, minhas pesquisas, produções teóricas e ações políticas se pautam nesse reconhecimento” (GOMES, 2017, p.13). Essas são as palavras iniciais que a feminista negra Nilma Lino Gomes abre seu fantástico livro *O Movimento negro educador*. Nele, ela inspira-nos a pensar o que as pedagogias e as práticas pedagógicas podem aprender com o Movimento Negro, entendido por ela como “ator coletivo e político”. Ao trazer a potência das mulheres negras que vieram antes dela, continua Nilma.

Elas nos representam naquilo que a nossa história tem de luta, de força, de coragem, de graça, de estratégia e luta pelo poder. Elas e tantas outras nos inspiram a lutar para que a raça ocupe lugar central dentro das discussões de classe e gênero. Elas são fontes que nos ajudam a construir o feminismo negro. Elas nos reenergizam quando lutamos por ações afirmativas, igualdade racial e de gênero, direitos reprodutivos, saúde da mulher negra. Elas são as nossas referências quando instauramos uma estética negra no modo de ser, vestir e nos pentear. Elas nos ensinam a resistir, a existir, e a re-existir (GOMES, 2017, p.22).

O feminismo negro educa quando propomos pedagogias arrebatadoras que desobedecem o cânone, o logos, o pensamento autorizado. Desobedecer é um ato de coragem, pois implica em um processo de desconstrução constante de si mesmo. Implica em uma luta diária de si contra si mesmo. Noções de certeza, verdade, universalidade são colocadas em xeque para apostarmos em forma de pensar que sejam libertas de toda amarra e sedentarismo do pensamento. Desobedecer exige uma atividade plástica do pensamento e afirmando-o como nômade. Implica em um gesto atrevido, pois é atrevido que se passa a ter coragem para sair da inércia do pensamento e propor um novo crivo no caos. Exige de cada um nós um ato político, pois somente quem desobedece passa exercitar um ato revolucionário. Sem a desobediência não há transgressão do pensamento e de si mesmo. Transgredir não significa fazer uma pedagogia da repetição, mas propor a diferença. Somente alcançamos a emancipação quando passamos a pensar por nós mesmos e sermos autores da nossa voz.

Daí eclode o sujeito empoderado pois é capaz de pensar a partir de si a criar fagulhas criativas para falar e se posicionar no mundo. O trabalho do intelectual deve ser a serviço

da vida, da busca da dignidade humana e do constante processo de humanização. A educação, nesse sentido, não deve estar a serviço da igreja, nem do Estado, nem do poder, mas a serviço da vida e da libertação dos homens para que eles possam pronunciar o mundo através da palavra e da ação. Por fim, o movimento negro é educador quando propõe um complexo cruzamento com o feminismo negro. Essa será a nossa próxima travessia.

### 2.3 CRUZANDO O FEMINISMO NEGRO

É preciso reconhecer quando de fato Sueli Carneiro começou a demonstrar interesse pelo feminismo negro e como ela se engajou nesse movimento de mulheres. Por isso é importante situar a geopolítica do pensamento de Sueli Carneiro e seu encanto com Lélia Gonzalez pois como pretendia Luiza Bairros, “nossos passos vêm de longe”.

O feminismo propriamente dito veio para mim no dia que eu vi a Lélia Gonzalez fala na Biblioteca municipal de São Paulo, por volta de 1978, e naquele momento eu soube o que tinha que fazer com a minha vida. Antes disso, eu já estava circulando muito dentro do movimento negro, mas só circulando, eu era plateia, audiência, estava aprendendo, conhecendo as pessoas, os territórios negros. Eu já tinha entrado em contato com o movimento negro e com esse debate em 1971, quando descobri que a consciência racial que já trazia da minha família podia se transformar em uma consciência política. Mas o meu engajamento se definiu quando conheci a Lélia; foi quando eu soube qual movimento negro eu queria fazer: um movimento de mulheres negras (CARNEIRO, 2018, p.454).

É válido lembrar que Patricia Hill Collins reconheceu em Sueli Carneiro a força não somente da epistemologia negra feminista, como também da política do empoderamento feminino. Escreve Patrícia Hill Collins: “As palavras da feminista brasileira Sueli Carneiro chamam atenção para o trabalho das mulheres negras brasileiras em prol do próprio empoderamento. Desse modo, enquanto nos Estados Unidos já existia uma onda feminista negra que trazia a potência ética, estética e política do negro, onde somente para citar algumas como Ângela Davis que tem vindo com mais frequência no Brasil, a ponto de reconhecer em Lélia Gonzalez uma grande representante do feminismo que precisa ser mais vista por nós.

O feminismo negro trouxe o charme da diferença com sua riqueza e complexidade marcada pela política do empoderamento, pela interseccionalidade, pelo lugar social e político de fala, pela expressão da vida e da subjetividade. De fato são muitas as versões acerca do feminismo negro e suas origens. O que sabemos é que ele surge a partir do movimento de mulheres negras no interior do movimento negro que não se sentiam incluídas na pauta do feminismo hegemônico, o de supremacia branca. Com isso, com a militância e o movimento negro essa frente de mulheres começa a se movimentar e lutar contra o sexismo e o racismo. Salienta-nos Patrícia Hill Collins.

O próprio feminismo negro, em grande parte pela demanda de autodefinição das mulheres negras, tem sido fundamental para a criação desse espaço. No geral, as mulheres afro-americanas se encontram em uma rede de relações transversais, cada qual apresentando combinações variadas de imagens de controle e autodefinições (COLLINS, 2019, p.186).

O feminismo negro virou uma epistemologia e entrou de vez no *logos*. Na década de 90 a filósofa, militante e feminista negra Sueli Carneiro propõe, de forma radical, enegrecer o feminismo por reconhecer de uma vez por todas que as mulheres negras têm suas demandas que não são colocadas na pauta das mulheres brancas, as que ainda trazem de forma universal e essencialista o conceito de mulher. Uma questão fundamental do feminismo negro é propor o ato de fala, a enunciação, o lugar de fala dos sujeitos subalternos. E esse lugar já foi proposto por Lélia Gonzalez no Brasil já na década de 70 ao denunciar o racismo e o sexismo na cultura brasileira, a feminista, filósofa e militante Lélia Gonzalez (2018) propõe uma potente subversão e abre caminhos com sua forma de desconstruir e desestabilizar a linguagem, potencializando, com isso, nosso lugar de fala. Ter um lugar de fala é não deixar ser infantilizado, é ter a capacidade de erguer a sua voz como sujeito de sua própria história.

No Brasil, nas trilhas de Lélia Gonzalez na década de 70 já surgia no movimento de mulheres o feminismo negro. Influenciada por esse movimento a pensadora negra, filósofa e militante Sueli Carneiro foi quem teorizou e avançou ao mostrar a necessidade de enegrecer o feminismo pois não sentiam que as pautas das mulheres negras eram incluídas nas pautas de mulheres brancas, pois o feminismo hegemônico ainda problematiza um conceito essencialista e universal de mulher.

No entanto, é válido reconhecer que o feminismo negro, de forma radical luta contra as várias opressões sociais seja de classe, raça, gênero, sexualidades, interseccionando e problematizando as posições que os sujeitos e sujeitas geograficamente e historicamente localizados ocupam. Daí a noção de lugar de fala como uma política coletiva que coloca em xeque essa voz una que sempre teve autorização discursiva para falar e existir que é a do homem, hetero-cispatriarcal, branco, cristão, europeu, ou seja, o pensamento ocidental. No entanto, essas vozes ditas subalternas tentam criar canais e possibilidades de escuta e reconhecimento de suas plenas humanidades. O que todos têm em comum, poderia dizer, é a busca pela visibilidade, pelo direito de humanidade e pela liberdade. Mas Hooks mostra a importância de dentro do movimento feminista pensarmos e desafiarmos o racismo, uma vez que a luta é pelo gênero, mas é também pela raça.

Nossa liberdade como mulher para escolher quem amamos, com quem vamos dividir nosso corpo e vida, foi profundamente fortalecida pelas lutas das lésbicas radicais, tanto em nome dos direitos dos gays quanto dos direitos das mulheres. Dentro do movimento feminista passado e presente, as lésbicas sempre tiveram que desafiar e confrontar a homofobia, de forma bastante similar com que todas as mulheres não brancas, independentemente de preferência ou identidade sexual desafiaram e confrontaram o racismo (HOOKS, 2019, p. 142).

Em outras palavras, o movimento feminista lésbico foi, sem dúvida, importante para alargarmos o nosso pensamento e nossa consciência preta no mundo. Foi a partir dessas encruzilhadas interseccionais que criamos nossas trincheiras, alimentamos e fortalecemos o nosso devir-humano. Ora, se estamos falando em encruzilhada hoje e nos permitindo esse crivo no caos é por que uma onda subversiva e transgressora vem operando no sentido de colocar em xeque as nossas verdades dadas a priori. Todo esse cenário muda nossa prática, nosso modo de vida, a nossa maneira de pensar o Outro e a nós mesmos.

É válido ainda lembrar que toda essa discussão fez fortalecer o pensamento decolonial, isto é, aprendemos a colocar em xeque o saber, o pensar e o poder autorizado pela supermáxia branca e ocidental. Foi essa onda subversiva do feminismo negro que nos fez acordar desse “sono dogmático”, a sacudir as evidências e inventar novas possibilidades de vida. Mais ainda: ensinou-nos a tensionar essa gramática autorizada e assumir a encruzilhada como forma de pensamento, de existência e resistência. Contudo, de fato os tempos mudaram e estamos buscando outras vozes, outros lugares, outras linguagens e lançando-nos em outras encruzilhadas como um modo de desestabilizar a soberania e o poder do colonizador. No entanto, é desnecessário hoje que o outro fale por nós. Mas é necessário “falar com”, ou seja, “nada sobre nós, sem nós”.

Nós, negros, não queremos e não precisamos ser pensados como “Outro” e muito menos o outro do outro, o “exótico”, o “estranho”. O outro querer falar por nós hoje é uma forma de xingamento, de desrespeito à nossa voz, pois foi esse outro que sempre nos calou, nos silenciou, nos oprimiu. Não à toa que o corpo negro é o que mais morre no Brasil, sem deixar de lado as crianças pretas, cujas mortes já se naturalizaram. Então em alto e bom tom: as vozes subalternas importam e elas surgem arrombando o pensamento normativo, tendo visibilidade, se humanizando e com isso, se empoderando a cada dia e tendo plena consciência de sua voz no mundo. Foi o feminismo negro que nos reposicionou no mundo e ao fazer isso, nos permitiu contar a nossa própria história.

### 3. CONCLUSÃO

Propus aqui trazer a voz e a vez da feminista negra, pensadora e militante Sueli Carneiro e a sua importante contribuição não somente para o feminismo negro mas, para a compreensão do pensamento social brasileiro. Foi essa filha de Ogum, deus do ferro que abre caminhos, que abriu um campo sem volta de possibilidades para que nós, negros, possamos erguer as nossas vozes. Para esse movimento, tensionei o feminismo hegemônico, o conceito essencialista e universalista de mulher, o patriarcado e o imperialismo. Um dos resultados alcançados nessa travessia foi, primeiramente, ampliar a semântica do conceito de feminismo, trazer o lugar da mulher negra para o debate e dar a reparação correta a essas vozes silenciadas. Um outro resultado tão importante quanto o anterior, foi o de elucidar o aspecto pedagógico e do movimento negro educador, uma vez que a contribuição acerca do dispositivo de racialidade de Sueli Carneiro vai além da luta antirracista, pois ao combater o racismo, o sexismo e o classismo, combate toda forma de opressão pelo viés da educação. Saliento que para investigações futuras teremos um campo promissor e complexo no qual teremos que desdobrar para combater o racismo, o sexismo, o classismo, a homofobia e outras formas de opressão. Dito isso, as minhas inquietações centrais foram pensar e trazer a importância de Sueli Carneiro que já veio de tradição de movimentos de mulheres negras como Lélia Gonzalez para dar vez, voz e visibilidade as outras mulheres negras e nos humanizarmos enquanto sujeitas e sujeitos pretos. Asè, Sueli Carneiro! Ogunhê!

### REFERÊNCIAS

CARNEIRO, Sueli. Mulheres em movimento. In: HOLLANDA, B. Heloísa. **Pensamento Feminista Brasileiro: formação e contexto**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. In: HOLLANDA, B. Heloísa. **Pensamento Feminista Brasileiro: formação e contexto**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

CARNEIRO, Sueli. **Dispositivo de racialidade**: a construção do Outro como não ser e como fundamento do ser. Rio de Janeiro: Editora ZAHAR, 2023.

CARNEIRO, Sueli. **Escritos de uma vida**. Prefácio: conceição Evaristo, Apresentação Djamila Ribeiro.- São Paulo: Pólen Livros, 2019.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. 2005. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2011.

COLLINS, Patricia. **Pensamento feminista negro**: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. Tradução de Jamille Pinheiro Dias. São Paulo: Boitempo, 2019.

GOMES, Nilma Lino. **O Movimento Negro educador**: saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

GONZALEZ, Lélia. **Primavera para as rosas negras**: Lélia Gonzalez em primeira pessoa. Diáspora Africana: Editora Filhos da África, 2018.

HOOKS, Bell. **Erguer a voz**: pensar como feminista, pensar como negra. Tradução de Cátia Bocaiuva Maringolo. São Paulo: Elefante, 2019.

NASCIMENTO, Abdias do. **O Genocídio do negro brasileiro**: processo de um racismo mascarado. São Paulo: Perspectiva, 2017.

NASCIMENTO, Beatriz. **Quilombola e intelectual**: Possibilidades nos dias de destruição. Maria Beatriz Nascimento. Diáspora Africana. Editora Filhos da África, 2018.

NASCIMENTO, Beatriz. **Uma história feita por mãos negras**: Relações raciais, quilombolas e movimentos; organização de Alex Ratts. RJ: Zahar, 2021.

SANTANA, Bianca. **Continuo preta**: a vida de Sueli Carneiro. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.